



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 22/03/2024 e 28/03/2024

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
22/03/2024	11,92	339,10	47,64	5,54	4,39
25/03/2024	12,09	341,70	49,02	5,55	4,37
26/03/2024	11,99	339,80	48,42	5,43	4,32
27/03/2024	11,92	339,00	47,67	5,47	4,26
28/03/2024	11,91	337,70	47,95	5,60	4,42
Média	11,97	339,46	48,14	5,52	4,35

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	114,00	
RS – Não Me Toque	115,00	
RS – Londrina	107,00	
PR – M.C.Rondon	107,00	
MT – C.N.Parecis	103,00	
MS – Maracaju	109,00	
GO - Rio Verde	109,00	
BA – L.E.Magalhães	107,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	57,50	CIF
Porto de Paranaguá	S/C	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Não-Me-Toque	50,00	
SC – Rio do Sul	55,00	
PR – M.C.Rondon	48,00	
PR – Londrina	48,00	
MT – C.N.Parecis	37,00	
MS – Maracaju	47,00	
SP – Itapetininga	56,00	
SP – Campinas	62,00	CIF
GO – Rio Verde	51,00	
GO – Jataí	51,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	60,00	
RS – Não Me Toque	60,00	
PR – Londrina	63,00	
PR – M.C.Rondon	64,00	

Período: 27/03/2024

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 28/03/2024**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	51,92	115,15	60,29

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
28/03/2024**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	99,36
Feijão (saco 60 Kg)	317,70
Sorgo (saco 60 Kg)	ND
Suíno tipo carne (Kg vivo)	4,85
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,12**
Boi gordo (Kg vivo)*	7,94

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Janeiro/24, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, oscilaram um pouco durante a semana, com o primeiro mês cotado tentando romper definitivamente o teto dos US\$ 12,00/bushel, porém, sem sucesso. Tudo isso, na expectativa dos relatórios de intenção de plantio e estoques trimestrais nos EUA, anunciados nesta quinta-feira (28).

Neste sentido, os relatórios trouxeram os seguintes números: a) a intenção de plantio da soja ficou em 3% de aumento na área, sobre o ano anterior; b) com isso, a área de soja a ser semeada nos EUA, neste ano, tende a ser de 35 milhões de hectares; c) os estoques trimestrais, na posição 1º de março, subiram 9% sobre igual período do ano anterior, ficando em 50,3 milhões de toneladas.

Estes números ficaram dentro da expectativa média do mercado. Com isso, o fechamento da quinta-feira (28) pouco se alterou, em relação ao dia anterior, ficando em US\$ 11,91/bushel, contra US\$ 12,12 uma semana antes.

A partir de agora o clima nos EUA, sobre a safra de verão local, será uma das principais referências para o comportamento das cotações.

Enquanto isso, aproveitando-se de um Chicago mais firme, da manutenção de um câmbio ao redor de R\$ 5,00 por dólar, e prêmios com indicativo de melhoria para os meses futuros, mesmo que ainda baixos, os preços no Brasil melhoraram novamente. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 115,15/saco, enquanto as principais praças locais registraram valores entre R\$ 114,00 e R\$ 115,00. Já no restante do país os preços oscilaram entre R\$ 103,00 e R\$ 109,00/saco.

Neste contexto, vale destacar que a colheita brasileira da soja atingiu a 69% da área até o final da semana anterior, contra 71,7% na média histórica para esta data. (cf. Pátria AgroNegócios) O Rio Grande do Sul registrava 8% da área colhida, em 28/03, contra a média histórica de 27% nesta data. (cf. Emater) E no Paraná, a colheita atingia a 87% da área nesta semana, com uma produção esperada de 18,3 milhões de toneladas, ou seja, 3,5 milhões a menos do que o inicialmente esperado. (cf. Deral)

Dito isso, continuam as divergências sobre o total de safra que será colhido no Brasil neste ano. Enquanto muitas instituições públicas e privadas avançam um volume abaixo de 150 milhões de toneladas, a consultoria Agroconsult, por exemplo, informa que, através do uso de imagens de satélite e números obtidos no seu tradicional Rally da Safra, a produção brasileira poderá ser bem maior, podendo chegar a 156,5 milhões de toneladas, com produtividade média nacional em 56,2 sacos/hectare, sendo que para o Rio Grande do Sul esta produtividade chegaria a 57,2 sacos/hectare.

Apesar deste maior otimismo na produção final, números apontados pela Datagro dão conta de que, pela primeira vez, após 17 safras consecutivas de bons resultados na média nacional (exclui-se o Rio Grande do Sul em função das últimas frustrações importantes ocorridas), um número “expressivo de produtores de soja no país terá resultados negativos com a soja neste ano”. Isso confirma nossos alertas, pois além de algumas perdas na produção, a forte queda nos preços diante de custos ainda elevados, poderia determinar este quadro negativo.

Segundo a citada consultoria, “foi observada expressiva retração nos custos operacionais de produção, da safra 2023/24 de soja, nos estados do Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul, líderes nacionais na produção da oleaginosa, porém, esse recuo acontece sobre uma base muito elevada, depois dos fortes aumentos registrados nas safras 2021/22 e 2022/23 (...), e, por outro lado, houve aumento expressivo nos custos fixos”. Ainda segundo a Datagro, “depois de 17 anos seguidos de renda predominantemente positiva aos produtores brasileiros de soja, a temporada da safra 2023/24 corre o risco de ter resultados negativos para a maioria. Só conseguirá atingir o 18º ano de lucratividade bruta favorável aqueles produtores que obtiveram sucesso na produtividade média.”.

Por sua vez, a exportação de soja brasileira, em março, foi revisada para baixo, ficando em 13,5 milhões de toneladas, segundo a Anec. Lembrando que em março do ano passado o volume exportado alcançou a 14,4 milhões de toneladas. Já o farelo de soja terá exportações de 1,9 milhão de toneladas.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, após ensaiarem uma recuperação, voltaram aos níveis mais baixos da segunda semana do mês, tomando-se o primeiro mês cotado como referência. Isso até o anúncio dos relatórios de intenção de plantio e estoques trimestrais, pelo USDA, no transcorrer deste dia 28/03. Após o anúncio, o fechamento em Chicago, para este dia que encerrou a semana, foi de alta, com o bushel voltando ao patamar superior, ficando em US\$ 4,42, contra US\$ 4,40 uma semana antes.

Efetivamente, os relatórios trouxeram o seguinte, para o milho: a) redução de 5% na área semeada, com a mesma ficando em 36,4 milhões de hectares; b) os estoques trimestrais, na posição 1º de março, foram aumentados em 13% sobre o ano anterior, na mesma época, com os mesmos ficando em 212,1 milhões de toneladas.

Já no Brasil, os preços do milho continuaram estáveis. A média gaúcha até recuou um pouco na semana, ficando em R\$ 51,92/saco, enquanto as principais praças locais mantiveram os R\$ 50,00. Já no restante do país, os preços oscilaram entre R\$ 37,00 e R\$ 56,00/saco. E na B3, o fechamento da quarta-feira (27) apontou valores abaixo dos R\$ 60,00/saco para as principais cotações, ficando entre R\$ 59,58 e R\$ 59,70/saco.

Este comportamento ruim do preço do milho, que já vem de semanas, tem como um dos motivos o pouco interesse dos compradores neste momento. Por sua vez, os produtores que podem, seguram o cereal visando melhores preços no segundo semestre, diante de uma safrinha que será menor. E nos países concorrentes, como a Argentina, apesar de problemas climáticos, a safra atual de milho ainda será 59% superior à registrada na frustrada safra do ano passado.

Dito isso, o plantio da safrinha deste ano está concluído e, agora, dependendo ainda mais do comportamento climático no Centro-Sul brasileiro. Há preocupações com o calor e a irregularidade das chuvas no Paraná e no sul de Mato Grosso do Sul. Em paralelo, o milho verão, no Centro-Sul brasileiro, estava colhido em 75% da área na virada da semana. No Rio Grande do Sul, conforme a Emater, esta colheita chegava a

75% da área total, em 28/03, contra 68% na média histórica para a data. Enquanto isso, no Paraná, segundo o Deral, a colheita atingia a 91% da área nesta semana.

Importante destacar que algumas consultorias estão reduzindo a área final semeada com o milho segunda safra, ficando a mesma, agora, em 16,3 milhões de hectares. Com isso, em clima normal, a produção poderá ser de 96,4 milhões de toneladas, ou seja, um recuo de 10,9% sobre o ano anterior. (cf. Agroconsult) No Paraná, a safrinha foi revisada para baixo, ficando agora em 14,2 milhões de toneladas devido ao calor intenso e a chuvas irregulares. (cf. Deral)

Há uma forte expectativa de que o mercado demandante reaja no segundo semestre, inclusive no lado das exportações, o que resultaria em alguma melhoria nos preços do milho brasileiro. Soma-se a isso, os resultados que virão, a partir de meados do ano, em torno da colheita da safrinha.

Enfim, até a quarta semana de março de 2024, o Brasil exportou, no mês, um total de 245.541 toneladas de milho. Assim, a média diária, nos primeiros 16 dias úteis de março, está em recuo de 73,6% sobre a média diária de março do ano passado.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, se elevaram um pouco para o primeiro mês cotado. O fechamento da quinta-feira (28), já influenciado pelos relatórios de intenção de plantio e estoques trimestrais nos EUA, anunciados pelo USDA no transcorrer do dia, ficou em US\$ 5,60/bushel, contra US\$ 5,46 uma semana antes.

Os relatórios, por sua vez, trouxeram os seguintes números para o trigo: a) uma redução de 4% na área total de trigo a ser semeada nos EUA, neste ano, com a mesma ficando em 19,2 milhões de hectares; b) os estoques trimestrais, na posição 1º de março, foram aumentados em 16%, ficando em 29,7 milhões de toneladas.

Enquanto isso, na Rússia, um dos principais produtores e exportadores mundiais de trigo, os agricultores estariam considerando reduzir a área semeada com trigo. Isso porque a atividade está ficando menos interessante devido ao recuo dos preços, aumento dos custos de produção e a manutenção de taxas de exportação aplicadas pelo governo local. De fato, a rentabilidade do trigo russo caiu hoje para menos 0,9%, contra mais de 70% em 2022. Há fortes possibilidades que o trigo de primavera russo apresente rentabilidade zero ou negativa, enquanto a do trigo de inverno possa chegar, na média, a 15%. Os preços do trigo russo de terceira classe recuaram para US\$ 125,57/tonelada na semana passada. Isso representa, ao câmbio de hoje, cerca de R\$ 37,50/saco.

E no Brasil, os preços do produto de qualidade superior se mantiveram estáveis durante a semana. A média gaúcha fechou a mesma em R\$ 60,29/saco, enquanto no Paraná os preços oscilaram entre R\$ 63,00 e R\$ 64,00/saco.

Como se previa, muitos moinhos brasileiros correm atrás do trigo tipo 1, de qualidade superior, porém, a oferta é reduzida devido à frustração da safra passada. Com isso, a opção é trazer o cereal da Argentina, que tem apresentado preços competitivos e

produto de qualidade superior. Na semana entre o 11 e o 15 de março, por exemplo, “a paridade de importação do trigo, com origem na Argentina, foi de US\$ 229,55/tonelada para o produto posto no Paraná. Considerando-se o dólar médio do período, de R\$ 4,98, o cereal importado foi negociado a R\$ 1.143,46/tonelada, enquanto que o trigo brasileiro, no Paraná, teve média maior, de R\$ 1.240,38/tonelada. No Rio Grande do Sul, a paridade do produto argentino seria de US\$ 214,47/tonelada, o equivalente a R\$ 1.068,34/tonelada em moeda nacional, contra R\$ 1.184,60/tonelada para o trigo local. (cf. Cepea/Esalq)

Por outro lado, vale destacar que um estudo desenvolvido pela Embrapa, visando avaliar a tolerância do trigo ao déficit hídrico, mostrou que a cultivar BRS 404 pode representar até sete sacos a mais nos anos de pouca chuva no Brasil Central. A pesquisa avaliou o rendimento de trigo tropical das principais cultivares de sequeiro, disponíveis no mercado no período 2019-2023. Em média, os rendimentos da cultivar BRS 404 foram 12,4% superiores quando comparados às demais cultivares em uso na região. A variação ficou entre 5% e 23% superior, considerando que a brusone foi limitação somente em 2019, enquanto nos demais anos o déficit hídrico foi o fator limitante. (cf. Embrapa)

Enfim, a Conab mantém sua projeção de uma safra final de trigo, no Brasil, em 2024, ao redor de 9,5 milhões de toneladas, caso o plantio se confirme sobre 3,26 milhões de hectares e o clima ajude. Deste total produzido, 57.000 toneladas serão no Nordeste, 411.000 toneladas no Centro-Oeste, 840.100 toneladas no Sudeste e 8,3 milhões no Sul do país, sendo este último volume dividido em 3,4 milhões no Paraná, 4,4 milhões no Rio Grande do Sul e 448.700 toneladas em Santa Catarina.